



## SEÇÃO TEMÁTICA

**Violência familiar contra mulheres idosas que frequentam uma Universidade Aberta da Terceira Idade:****compreensão analítica de seus discursos**

Elza Beatriz Barros de Paiva, *Universidade Federal do Amazonas (UFAM)*

Breno de Oliveira Ferreira, *Universidade Federal do Amazonas (UFAM)*

Denise Machado Duran Gutierrez, *Universidade Federal do Amazonas (UFAM)*

---

**Resumo.** A pesquisa teve como foco a violência contra mulheres idosas no âmbito familiar. Historicamente na velhice as violências assumem novas interfaces, já que se associam dois marcadores: o de ser mulher e o de ser idosa, além de outros marcadores que serão explorados a partir da Interseccionalidade. Dessa forma, buscamos auxiliar na formulação de novos mecanismos de enfrentamento que possam agir de modo mais célere, além de trazer à luz o papel de uma Universidade Aberta da Terceira Idade no combate direto e indireto desse fenômeno. A pesquisa é qualitativa, de caráter descritivo e exploratório, e teve como objetivo compreender os discursos de mulheres idosas que sofreram violência familiar e são alunas de uma Universidade Aberta da Terceira Idade em Manaus, à luz da Teoria dos Dispositivos de Zanello (2018) e da Interseccionalidade, a partir de Nogueira (2017) e Akotirene (2020). Concluímos que os discursos, em torno da violência, são diversos, e são atribuídos diferentes sentidos para o fenômeno. Embora haja um fator em comum: a violência aparece como uma constante na vida das mulheres, e por isso, a entendem como inevitável. Assim, encontram estratégias para conviver com essas violências, ao invés de dar fim a essas relações abusivas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Violência familiar. Violência de gênero. Violência contra mulheres idosas. Gênero. Interseccionalidade.

---



## Introdução

A violência é um fenômeno complexo e multicausal, que geralmente está relacionado a disputas de poder, autoridade, domínio, aniquilamento de alguém, de um povo, de uma cultura ou religião. Ela sempre esteve presente na sociedade, sendo algumas civilizações mais violentas que outras. É um fenômeno enraizado nas relações e nas subjetividades de cada pessoa, não sendo, portanto, estranha à natureza humana, mas diretamente interligada a ela (MINAYO, 2006; FOUCAULT, 1987).

Atualmente, a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2002) declara a violência como um dos principais problemas de saúde pública do mundo. Por este motivo, muitos/as pesquisadores/as e profissionais da saúde se dedicam a compreender as origens da violência, suas manifestações de acordo com contexto, gênero, idade, raça e classe, tendo como objetivo articular estratégias que possam minimizar seus impactos na saúde e na sociedade, ressaltando principalmente o caráter preventivo.

A violência contra mulheres de modo geral é um fenômeno antigo e os discursos sobre esse tipo de violência sofreram inúmeras alterações ao longo da história da humanidade (AKOTIRENE, 2020). Aqui, temos como foco a violência contra mulheres idosas no âmbito familiar, isto porque na velhice as violências assumem novas interfaces (SILVA; LORETO; RAMOS, 2020). Nas mulheres jovens e adultas, os tipos de violência mais presentes nos relacionamentos são a física, a sexual e a psicológica. Já na velhice as violências financeiras e patrimoniais são mais características do que outros tipos, como a física. Assim, embora as idosas sofram violências de gênero, essa violência se perfaz de outros modos, assumindo novas características (AKOTIRENE, 2020).

Partindo desse pressuposto, a interseccionalidade é um conceito que fará parte das análises dos dados desta pesquisa, visto que tal teoria, fundada principalmente no feminismo negro, permite que os preconceitos e as iniquidades sejam estudados de acordo com os atravessamentos de cada mulher. Vemos que as violências, embora atinjam praticamente a totalidade das mulheres, não as atingem de forma igual, isto porque cada uma é atravessada por uma realidade subjetiva que é definida a partir de sua faixa etária, sua raça, classe social, contexto socioeconômico, dentre outros. E todas essas características estão interligadas, formando um entrelaçamento de opressões (AKOTIRENE, 2020).



Com o envelhecimento, a violência contra as mulheres atinge novas proporções, isto porque se associam dois marcadores: o de ser mulher e o de ser idosa. Assim, além dos preconceitos de gênero ratificados pelo patriarcado, que promovem violências familiares, institucionais e estruturais, ainda há as questões de como a população idosa é vista no imaginário popular: frágil, vulnerável e economicamente inativa. Esses fatores influenciam para que as mulheres idosas sofram mais violência do que homens idosos, e para que essa violência seja legitimada pela família, principalmente se não for facilmente detectada, como a violência física que, na maioria das vezes, deixa marcas visíveis (DAMACENO, et al., 2020).

A partir do abordado, também utilizamos de embasamento a Teoria dos Dispositivos, cunhada por Valeska Zanello (2018), que empresta o conceito de “dispositivos” de Foucault, que os definiu como um grupo heterogêneo que compreende organizações, instituições, leis, produções científicas, filosóficas, morais e culturais. Em outras palavras, os dispositivos vêm a ser uma complexa e ampla rede de produções sociais que impactam no comportamento dos indivíduos, em suas relações, percepções, discursos e no modo de ser como um todo.

Zanello (2018) apresentou em sua teoria três dispositivos baseados nas construções sociais, tendo como plano de fundo os constructos de gênero, que subordinam minorias, aprisionam e oprimem, assim como ditam os comportamentos e afetos que são permitidos e os que devem ser reprimidos, em sua chamada “pedagogia afetiva”. Os dispositivos são: dispositivo da eficácia, dispositivo amoroso e dispositivo materno. A presente pesquisa focará nos dispositivos amoroso e materno. Mas vale ressaltar que o dispositivo da eficácia também surgiu a partir de construções sociais gendradas e diz respeito ao reconhecimento de qualidades inerentes aos homens, que compõem a identidade do que é ser homem dentro da sociedade. São elas: vigor, seja ele laboral ou sexual, força física e autocontrole emocional. A ausência desses atributos abre margem para o questionamento da própria identidade de ser homem, sendo, portanto, a descrição de padrões comportamentais e discursos prejudiciais e limitantes.

A construção histórica do dispositivo amoroso, por sua vez, se deu a partir da análise das submissões as quais as mulheres foram forçadas ao longo da história em nome da dedicação ao lar, aos maridos e a construção de famílias. Os corpos femininos foram controlados por inúmeras instituições, desde a Igreja até as instituições legais, que subalternizavam as vontades das mulheres e as controlavam na esfera



política e social (ZANELLO, 2018; FOUCAULT, 1984). A partir do dispositivo amoroso surgiu o dispositivo materno. Isto porque as instituições traziam para as mulheres a maternidade como um destino nobre e inevitável. O ato de ser mãe passou a ser santificado e os discursos religiosos e políticos manipulavam as mulheres para que estas se enxergassem como as únicas capazes de cuidar. O dispositivo materno traz em seu cerne o cuidado. As mulheres cuidam mais de seus próprios filhos e lares do que de si mesmas. O cuidado passou a ser sua única e principal ocupação. Nessas pedagogias afetivas o controle e a limitação de suas potencialidades mascaram a violência pungente que se transformou ao longo das eras, mas que ainda tem como grandes vítimas as mulheres (ZANELLO, 2018).

Existe uma lacuna nos estudos da violência que considerem a interseccionalidade de gênero e geração, ainda que dentre a população idosa, as mulheres sejam as maiores vítimas de violência familiar (PEREIRA; TAVARES, 2018). Dito isso, abordar tal temática justifica-se não só pela lacuna supracitada, mas pelo constante aumento da violência contra essa população. Assim, os estudos poderão auxiliar na formulação de novos instrumentos e mecanismos de enfrentamento que possam agir de modo mais célere, além de trazer à luz o papel de uma Universidade Aberta da Terceira Idade no combate direto e indireto desse fenômeno. A pesquisa teve como objetivo geral compreender os discursos de mulheres idosas que sofreram violência familiar e frequentam uma Universidade Aberta da Terceira Idade em Manaus, Amazonas à luz da Teoria dos Dispositivos de Zanello (2018) e da Interseccionalidade, a partir de Nogueira (2017) e Akotirene (2020). E objetivos específicos: a) descrever práticas e pressupostos morais (símbolos, mentalidades) em torno de episódios de violência contra as mulheres presentes nos discursos das idosas que frequentam uma Universidade Aberta da Terceira Idade; b) entender como os imbricamentos de gênero e geração potencializam a violência familiar contra mulheres idosas que frequentam uma Universidade Aberta da Terceira Idade; c) identificar nos discursos os serviços, políticas públicas ou outras iniciativas que proponham acolhimento, orientação e/ou grupos de apoio para mulheres idosas que vivenciam ou vivenciaram situações de violência.



## Quadro Metodológico

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter descritivo e exploratório, que buscou investigar o fenômeno da violência familiar contra mulheres idosas. O contexto se deu na Fundação Universidade Aberta da Terceira Idade (FUNATI), localizada na cidade de Manaus, Amazonas, que foi escolhida por ser uma instituição que oferta atividades recreativas, de ensino, extensão, pesquisa e assistência à saúde para pessoas a partir de 50 anos, e que além disso também é um espaço de socialização, de criação de laços e afetos e pode vir a representar uma importante rede de apoio para mulheres idosas que sofrem ou já sofreram algum tipo de violência. É importante ressaltar que apesar de ser considerada uma universidade, a FUNATI não oferta cursos de nível superior, e sim cursos livres, atividades de recreação, socialização e atenção à saúde (MANAUS, 2022).

Escolhemos a FUNATI devido a acessibilidade que já tínhamos pelo fato de a autora principal desta pesquisa já ter realizado outros projetos no espaço e a partir deles ter percebido que a instituição é um organismo vivo e ocupava um lugar muito significativo na vida dos idosos, o que, por conseguinte, poderia vir a ser um elemento basal nos discursos. De fato, notamos que mais do que ensino e recreação, a FUNATI representa na vida dessas mulheres um espaço de acolhimento, suporte emocional, compartilhamento de experiências, criação de laços afetivos, conquista de direitos, conseguindo representar uma rede de apoio fundamental para aquelas que não veem um lar em suas casas, e acabam passando muitas horas diárias nesse espaço.

Embora o objetivo da pesquisa não seja o de explorar com mais profundidade o papel da FUNATI no enfrentamento das violências, conseguimos perceber, em campo, que o fato de serem universitárias, lhes outorga esse lugar de pertencimento. Portanto, apesar das violências sofridas no seio familiar, elas conseguem ter na universidade e no convívio que esta proporciona, o acolhimento necessário para enfrentar esse contexto.

Participaram cinco mulheres com 60 anos ou mais, que já passaram por algum tipo de violência no contexto familiar e que frequentam a Fundação Universidade Aberta da Terceira Idade (FUNATI). Em um primeiro momento foi aplicado um questionário socioeconômico, que teve como objetivo auxiliar na composição do contexto social, econômico e geográfico das participantes considerando suas interseccionalidades (SILVA; DIAS, 2016). Para que se mantivesse o



sigilo, as colaboradoras foram representadas ao longo do texto com nomes indígenas fictícios, com o intuito de trazer representatividade e visibilidade regional. Algumas das características e componentes identitários estão apresentados na Tabela 1. Para o item referente a renda, utilizamos o critério de renda do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (BRASIL, 2023) que considera a renda de acordo com a soma de rendimentos de cada família, classificando-a em classes: A (acima de 20 salários mínimos), B (de 10 a 20 salários mínimos), C (de 4 a 10 salários mínimos), classe D (de 2 a 4 salários mínimos) e classe E (máximo de dois salários mínimos).

**Tabela 1:** Caracterização socioeconômica das colaboradoras

<b>Colaboradoras</b>	Inaiê	Iracema	Iara	Potira	Açucena
Orientação sexual	Hétero	Hétero	Hétero	Hétero	Hétero
Idade	65	63	75	71	68
Filhos/as	3	3	2	5	4
Escolaridade	Ensino médio	Ensino médio	Ensino médio	Fundamental completo	Superior completo
Raça	Parda	Branca	Branca	Preta	Indígena
Renda	Classe D	Classe D	Classe C	Classe E	Classe E
Estado civil	Viúva	Divorciada	Divorciada	Divorciada	Casada
Tempo na FUNATI	10 anos	5 anos	12 anos	10 anos	15 anos
Autor(es) da violência	Filhos	Companheiro e filhos	Companheiro	Companheiro e filhos	Companheiro

**Fonte:** Autores (2023)

O segundo instrumento consistiu em um roteiro de perguntas baseadas nos principais objetivos da pesquisa, porém, se deu de forma flexível e permitiu com que novos tópicos fossem inseridos de acordo com o fluir da entrevista, que teve, em média, uma hora e meia de duração (MINAYO, 2014).

A análise dos dados da pesquisa foi realizada com o método da Análise do Discurso de Pêcheux (1960) a partir da metodologia proposta por Freire (2014). Esse método entende a língua como um acontecimento, uma verdadeira prática social, repleta de conceitos, crenças, valores, história e imagens. É a interpretação dessas características que acompanham a língua que fazem com que seja possível a construção de uma matriz semântica, ou seja, o componente de sentido. Nenhuma das palavras usadas é vista como aleatória ou



desprovida de sentido, e não é utilizada apenas pelo uso da liberdade de quem fala. O que realmente determina o uso das palavras que compõem os discursos são as condições sócio-históricas de produção (FREIRE, 2014). Deste modo, reconhecemos que não há discursos isolados uns dos outros, eles são históricos, temporais e, portanto, condicionados às ideologias e sistemas sociais, o patriarcado, por exemplo, é um deles. Assim, escolhemos esse método para que fosse possível compreender e descrever as ideologias, práticas e pressupostos morais e sociais, ligados às questões de gênero e geração que estão presentes nos discursos das mulheres idosas.

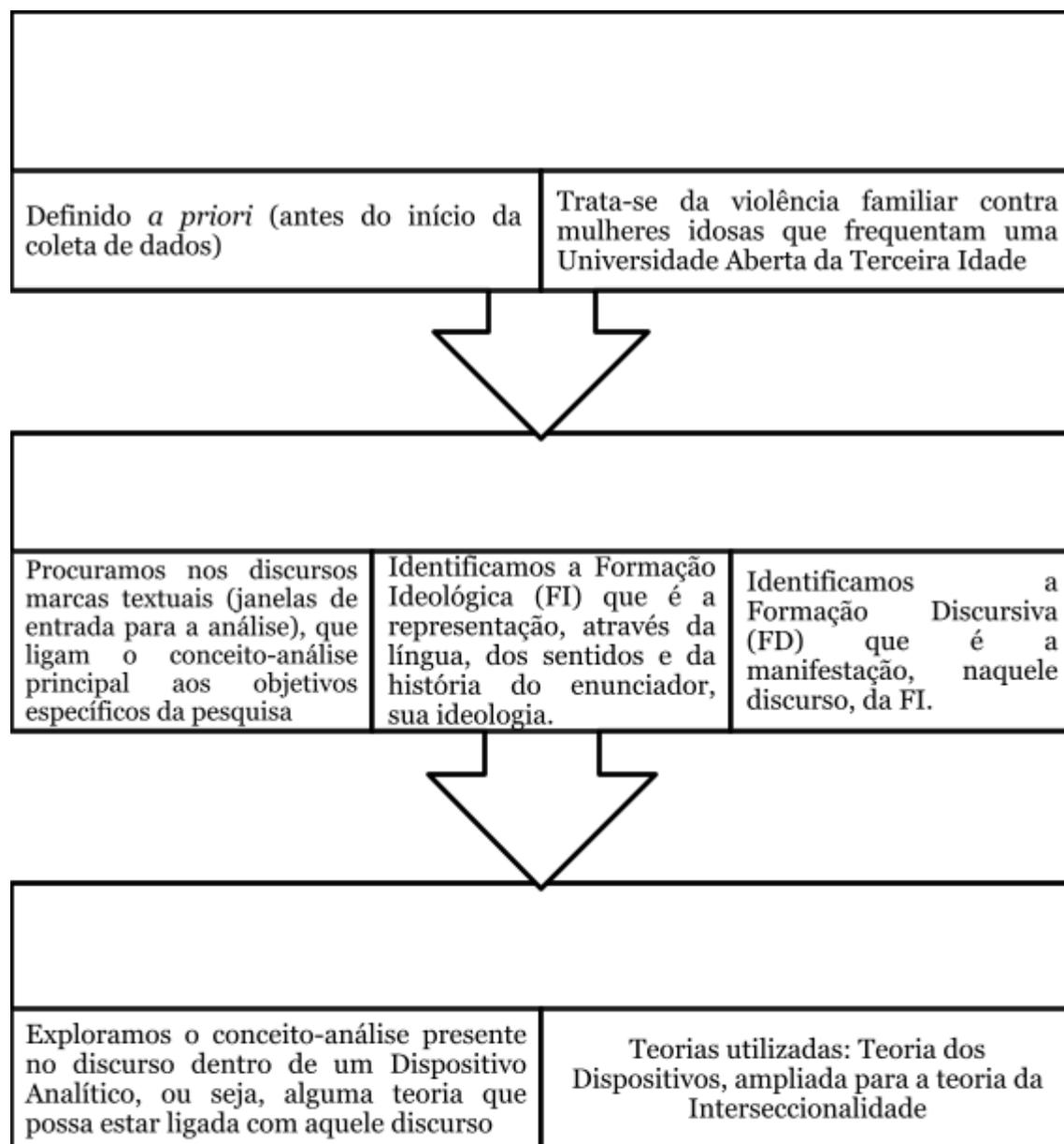
Para tanto, foram respeitados todos os preceitos éticos da pesquisa com seres humanos, tendo sido aprovada sob o parecer de número 5.325.339. A pesquisa foi explicada individualmente, assim como o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que foi assinado por todas as colaboradoras.

## **Análise e discussão dos resultados**

Primeiramente, realizamos leituras flutuantes para identificar como conceito-análise, ou seja, o objeto do estudo, surgiu nos discursos das participantes. Em seguida, fizemos a leitura analítica, que de acordo com Freire (2014), deve ser feita com o auxílio de três eixos de análise, representados na Figura 1, junto as etapas seguidas para análise dos dados desta pesquisa:



Figura 1: Etapas da análise



Fonte: Autores, 2023

A partir da leitura analítica, dividimos as principais marcas textuais encontradas nos textos de acordo com os três objetivos específicos da pesquisa, transcritos nos subtítulos seguintes.

É importante ressaltar que estes autores entendem como conceitos basilares de violência aqueles trazidos pela Lei 11.340 de 2006 (BRASIL, 2006), que criou mecanismo para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher e que traz em seu corpo as diferentes tipologias de



violências contra as mulheres, sendo elas, entre outras: a violência física, que a lei entende como qualquer ação que ofenda a integridade física e saúde corporal; a violência psicológica, cujo conceito é mais complexo, mas é entendido como qualquer ação que possa causar dano emocional, diminuição da autoestima, prejuízos ao desenvolvimento, entre outros prejuízos para a saúde mental e bem-estar geral.

Outra tipologia trazida pela lei é a violência sexual, que consiste em qualquer conduta que force a vítima (através de intimidação, ameaça, coação ou uso da força) a manter ou participar de ato sexual não desejado, incluindo ações que visem o impedimento de métodos contraceptivos, que coaja ao matrimônio, aborto, prostituição, entre outros. Por fim, a violência patrimonial e a moral também são trazidas como tipologias, sendo a primeira entendida como qualquer ação que configura na retenção, diminuição ou destruição de objetos, bens, documentos, e quaisquer recursos materiais; a segunda, por sua vez, é entendida como qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria.

Deste modo, por entendermos que os conceitos de violência são complexos, históricos, construídos e reconstruídos através do tempo, da linguagem, dos discursos, decidimos situar o que consideraremos como base para reconhecer a violência nos discursos das participantes: a lei. Isto porque, independentemente do aparato teórico, ao contextualizarmos no tempo presente, é importante ressaltar que o fenômeno estudado é um crime e ceifa a vida de milhares de mulheres com uma frequência aterradora.

### **Práticas e pressupostos morais em torno da violência**

Dentre as colaboradoras, em torno da violência, existe um misto de sentidos em seus discursos. Um dos principais é que apesar de enxergarem a violência como grande fonte de sofrimento, elas também veem o fenômeno com certa naturalização, como se fosse inevitável. Ainda que estejam em novos relacionamentos onde não há precedentes, estão em alerta, esperando pelo momento em que serão violentadas. Com isso, elas encontraram, ao longo de suas vidas, estratégias para lidar com a situação. Nenhuma delas, entretanto, inclui terminar a relação. Em seus discursos, nota-se que a inevitabilidade da violência se apresenta tal qual alguém que convive com uma doença crônica. Não se



vê cura ou saída, apenas soluções que permitam a sobrevivência da melhor forma possível.

Isso é exemplificado em algumas das enunciações a seguir:

Citação literal. Então aquilo pra mim era normal. O cara chegar e dizer vem cá. Senta aqui. Aí fazia comigo o que queria e ia embora. Entendeu? (Iracema)

Citação literal. Quando chegava a gente brigava muito e as brigas foram acontecendo mais e mais... da gente se pegar mesmo de ir braço a braço. De várias vezes ele querer me enforcar, de me jogar na pia, de me bater... a gente vivia desse jeito (Iara)

Citação literal. E hoje em dia ele não faz nada. Cala a boca, não diz mais nada. Faz tudo que tem que fazer. Tem que ser assim.

Porque com homem violento você tem que abaixar a violência dele. A mulher não pode abaixar a cabeça pra ele e aceitar a humilhação (Açucena)

Na primeira fala, percebemos que a estratégia é aceitar, a normalização vem em forma de submissão. Nas duas últimas, a estratégia de enfrentamento é lutar de volta, ser agressiva também, “não abaixar a cabeça”. Em ambas, entretanto, há a normalização da violência.

O dispositivo amoroso, de acordo com Zanello (2018), evidencia a assimetria nas relações de gênero. O principal papel das mulheres nas relações amorosas é o de trabalhar para a manutenção das mesmas, independentemente de quais implicações isso trará para elas. Ao encontrar modos de lidar com a violência e estratégias de enfrentamento para manter a relação, percebemos que esse pensamento continua enraizado em seus discursos, embora não em suas enunciações.

Além disso, a presença de violência na maior parte de suas vidas também colabora para essa naturalização. Uma infância de abusos, falta de acesso à informação e dificuldades financeiras esteve presente nos discursos de quatro das cinco participantes. O que demonstra que as questões de gênero não podem ser analisadas sem os outros eixos de subjugação, nos casos dessas mulheres: raça, classe e idade. O sentido da interseccionalidade pode vir a ser melhor compreendido através da metáfora das avenidas que se encontram, onde os eixos de poder – ou seja, gênero, raça, etnia, classe, idade, entre outros, – se encontram no entrecruzamento dos terrenos sociais, culturais, políticos e econômicos, e constituem as dinâmicas de opressão e desempoderamento que operam as violências (NOGUEIRA, 2017; ALMEIDA, 2019).

Uma das colaboradoras saiu da casa dos pais aos treze anos e foi morar com a tia, que a apresentou a um homem, para que prestasse serviços domésticos. O mesmo homem a sequestrou:



Citação literal. Passei um mês trancada lá. Depois de um mês ele entrou e falou pra mim assim “eu vou te libertar, se tu se entregar pra mim tu fica livre”. Eu preferi. Eu acreditei. Eu me entreguei para o desgraçado (se emociona). Me entreguei pra ele. Com ódio. (Açucena).

O homem mentiu e continuou mantendo-a presa. Quando finalmente conseguiu fugir, já estava grávida e a tia disse que ela deveria casar-se com seu sequestrador para cuidar dos filhos. Seus próprios princípios religiosos também influenciaram na decisão, como exemplificado a seguir:

Citação literal. [...] a religião, uma parte dela causa ódio. Como eu fui católica então o ensino que eu tive é de que quando você tem filho, você tem que vigiar pelo seu marido e pelo seu filho. Não pode abandonar mais, entendeu? Então eu segui a vida com ele (Açucena).

De acordo com Zanello (2018), o casamento entra como uma instituição sagrada, cuja dissolução é um grande pecado. As violências, o adultério (por parte do marido), a falta de afeto, nenhum desses componentes importa desde que se mantenha esta instituição. A Igreja Católica e o próprio estado utilizaram e em partes ainda utilizam o casamento (heterossexual) para exercer controle político e social sobre a população. Nele, a assimetria entre homens e mulheres é evidente, ressaltando o desempoderamento das mulheres diante do controle exercido sobre seus corpos, dentro e fora do leito. Do ponto de vista da interseccionalidade, que aponta a importância de as teorizações serem explicitamente situadas no tempo histórico e no espaço cultural a qual pertencem, entendemos que os paradigmas religiosos e culturais, no caso de Açucena, atuaram como fenômenos de opressão, inter-relacionando-se, constituindo o sistema de opressão reproduz a interseção de diversas formas de discriminação (FOUCAULT, 1984; NOGUEIRA, 2017).

As práticas que rondam as violências sofridas pelas mulheres existem em uma espécie de acordo que se perfaz nos discursos e nas interações sociais. Por isso, em maior ou menor grau, tanto os homens quanto as mulheres aceitam e propagam esses discursos, que são repetidos, recriados e aprendidos ao longo de toda a história, nascendo nas Formações Ideológicas e se perfazendo na trajetória de cada um/a, independentemente deste/a ser vítima ou autor/a da violência, ele/a a



propaga (FREIRE, 2014; NOGUEIRA, 2017). As mulheres aprendem a internalizar a sua própria desvalorização e exploração, e acabam assim, por oprimir e violentar outras mulheres, como foi o caso da tia de Açucena. Por este motivo, dentro do feminismo negro, movimento berço da Interseccionalidade, o objetivo deve ser o de descentrar os discursos dominantes (NOGUEIRA, 2017).

Nesse sentido, reconhecemos que o conceito de violência é aprendido, assim como o próprio conceito de mulher. E olhando para o contexto ocidental, a partir do qual esta pesquisa se desenvolveu, corroboramos com a tese de Oyewùmí (2004) que defende a ideia de que o conceito de “mulher” na sociedade é compreendido de modo profundamente ligado à família nuclear. Nessa família, formada pelo casal (homem-mulher) junto aos filhos e filhas, as relações e os papéis se estruturam tendo o gênero como princípio fundamental. E são essas diferenças baseadas no gênero que formam as hierarquias, produzindo opressões e violências dentro desse núcleo familiar.

A autora nos chama a refletir que as diferenças entre as pessoas concebidas como “homens” e as concebidas como “mulheres” não necessariamente criariam relações pautadas em dominação e hierarquia, mas que na verdade existem contextos em que essas distinções não possuem nenhum significado social que possa causar algum tipo de tratamento diferenciado ou estabelecer relações de violência. O que se relaciona diretamente com a interseccionalidade, que reconhece que todos os conceitos são socialmente construídos, e definições como raça, por exemplo, servem, nesta pesquisa, para identificar grupos e contextualizar as categorias identitárias de pertencimento, não para generalizar definições ou criar conceitos estanques. “E porque existe racismo, a “raça” continua a ser uma categoria de análise importante” (NOGUEIRA, 2017, p. 113).

O próprio conceito de família nuclear é uma organização especificamente ocidental e não leva em consideração outros conceitos de família e, nesta configuração, o espaço da mulher se reduz à identidade de esposa e mãe. De acordo com Oyewùmí (2004) “para as mulheres, a identidade esposa é totalmente uma definição, outros relacionamentos são considerados secundários. Parece que a extensão do universo feminista é a família nuclear”. É nessa construção ocidental que o gênero se constituiu a partir de uma esfera de subjugação feminina, limitando à esfera doméstica e familiar o próprio significado de ser mulher. Transformando o papel de mãe e esposa no centro de todo o universo feminino.



Uma outra marca textual que surgiu nos discursos das colaboradoras foi o não reconhecimento da violência quando esta vem de seus filhos. Três delas descreveram em seus discursos relações que nunca tiveram confrontos físicos, embora contenham agressões verbais, medo constante e distanciamento afetivo. Mas em suas enunciações, explicitaram não haver violência. Iracema, cujo filho é dependente químico, contou que sua rotina consiste em passar o dia fora e quando chega a noite se tranca no quarto, com medo. Inclusive já teve que fugir da cidade, pois teve a casa invadida pelos fornecedores a quem o filho estava devendo dinheiro. Em sua fala, no entanto, ela o descreve como um bom menino e carinhoso. O dispositivo materno, neste caso, que coloca a mulher como mãe acima de qualquer outro papel e que a põe no lugar de cuidar, propicia com que violências como essas se perpetuem. Esse ponto será melhor trabalhado na próxima seção (ZANELLO, 2018).

A espiritualidade também apareceu em seus discursos e teve sentidos contraditórios. No caso de Açucena os preceitos religiosos possibilitaram a permanência em relações abusivas e foram descritos como causadores de ódio e opressão. Em outras colaboradoras a fé em uma religião agiu como um mecanismo de proteção psíquica para enfrentarem as situações de violência:

Citação literal. Eu acreditava em Deus. Deus ia fazer com que eu me libertasse. Ele é maravilhoso (Potira).

Citação literal. Deus me ajudou muito. Porque hoje criança de onze anos está engravidando, né? [...] Aí eu fico pensando, Jesus, como tu é maravilhoso. Obrigada por não ter deixado eu engravidar antes, mesmo com todos aqueles abusos (Iracema).

A presença de Deus também surgiu em seus discursos como forma de dar um propósito, uma resposta para estarem sofrendo as violências:

Citação literal. Eu às vezes até pergunto de Deus... tu está me testando, né? Para ver até onde eu vou. Vou mostrar que sou forte (Iara)

A espiritualidade é definida como uma relação ou conexão espiritual com uma força ou um ser superior na qual se tem fé. Nesses discursos, vemos a presença da espiritualidade como um mecanismo de enfrentamento para situações estressoras, trazendo conforto, alívio, consolo e busca de significado e propósito. Faz-se importante diferenciar o discurso espiritual do religioso, já que este último traz atributos de



uma religião específica, com dogmas e crenças que ajudam a conduzir a vida (AMARAL, et. al, 2016). Nos discursos, percebemos a utilização das espiritualidades como ferramenta de suporte psíquico e emocional para as situações de violências. Mas, de outro lado, a religião surge dominante, com a sacralização do casamento e da maternidade, como um instrumento de coação para permanência nas relações abusivas. O descentrar de discursos dominantes que se transformam em fenômenos opressivos é um dos objetivos da Interseccionalidade e para isso, é necessário assumir “narrativas mini-localizadas” para ouvir e compreender as vozes das múltiplas realidades que surgem a partir das experiências (NOGUEIRA, 2017).

O processo de produzir sentidos na linguagem é inconsciente, ou seja, as pessoas não possuem controle e nem sabem que esse processo está ocorrendo. Os sentidos são produzidos muito antes, ao longo da história, de acordo com as ideologias e o contexto sócio-histórico. A junção disso forma o *interdiscurso*. O interdiscurso combinado a trajetória de cada um, forma os *intradiscursos* (FREIRE, 2014). No caso dos discursos religiosos das colaboradoras, percebemos que a espiritualidade está presente nos seus interdiscursos inconscientemente, auxiliando-as no enfrentamento da violência, ainda que em seus intradiscursos elas reconheçam que, em sua história de vida, os preceitos religiosos tenham contribuído para as violências que sofreram.

Percebemos que as práticas e pressupostos em torno da violência são voltados para o seu enfrentamento provisório, não definitivo. As colaboradoras enxergam a violência como inevitável e naturalizam o fenômeno em suas vidas, procurando modos de lidar com o autor da violência, sem se afastar dele ou terminar a relação. Quando o autor é filho, sequer há o reconhecimento de que a relação é violenta, tendo em vista que quando sofriam violência de seus maridos e companheiros, o padrão era outro, geralmente se mostrando em agressões físicas e verbais, abusos sexuais, ameaças e demonstração de possessividade. Enquanto com os filhos, essa violência se dá a partir de distanciamento emocional, exploração financeira e abusos verbais. Em ambos os casos, a espiritualidade surge como ferramenta de enfrentamento, trazendo conforto e respostas para estarem sendo oprimidas e violentadas por aqueles que deveriam cuidar e proteger.

### **Imbricamentos de gênero e geração na potencialização da violência**



Todas as colaboradoras, sem exceção, sofreram violências ao longo da vida. Algumas iniciando na infância, outras na adolescência, mas a violência sempre foi uma constante, e com a chegada da velhice, essas violências não se extinguem, apenas mudam de forma e de autor. Apesar de que quando idosas as mulheres não são mais estimuladas a procriar, elas passaram suas vidas inteiras sendo ensinadas a amar seus filhos e seus netos de modo incondicional. Esse papel de cuidadoras continua sendo desempenhado durante a velhice e seu valor continua sendo medido de acordo com sua doação para o outro (TIBURI, 2020). A partir dessa pedagogia afetiva do cuidado, elas são silenciadas, mesmo diante de desconfortos, negligências e violências (ZANELLO, 2018).

Iracema se refere ao filho como um “menino bom”, embora o mesmo já tenha 38 anos de idade. Ela também se vê na obrigação de cuidar do filho, independentemente do quanto esse contato possa prejudicá-la e colocar em risco sua segurança. Isso não ocorre somente quando os autores de violência são os filhos, mas as mulheres também se sentem obrigadas a permanecer em relações violentas com os parceiros por causa dos filhos. Como vimos no seguinte trecho, quando perguntada sobre a permanência no relacionamento abusivo:

Citação literal. Eu esperava meus filhos crescerem, né? Pra eu tentar sair daquilo. Eu pensava em mim e na minha felicidade, mas eu sou mãe. Tenho que pensar nos meus filhos primeiro. Quem eu sou primeiro de tudo é mãe (Potira)

Vemos que elas abrem mão da felicidade, da segurança, de suas aspirações. Todos os outros aspectos são anulados e o que resta como identidade principal é o ser mãe. (ZANELLO, 2018; BADINTER, 2011). Ao longo da história, a figura da mãe foi sacralizada, principalmente pela Igreja Católica. O destino da maternidade começou a tornar-se inevitável entre as mulheres e isso assumiu um papel central em suas vidas. Criou-se um desejo de ser mãe, “dar à luz”, exercer esse papel que as aproximaria da divindade. Tal tecnologia de gênero, como ressalta Zanello (2018), não somente ditou as identidades das mulheres, mas seus comportamentos. A partir dessa construção social de ser mãe, cuidar passou a ser a grande função das mulheres, cujo sacrifício de abdicar de si para cuidar do outro as santificava. Além de essa estratégia psicopolítica ter subjetivado as mulheres a entregarem seu cuidado e seu trabalho de modo gratuito para a sociedade, que se beneficiou de suas



contribuições, ela também as submeteu a silenciamentos e violências diretas e indiretas, como no caso de Potira (ZANELLO, 2018).

Do ponto de vista decolonial, essa construção social do que é ser mãe surgiu a partir do androcentrismo da ciência moderna que “imputou às fêmeas o lugar social das mulheres, descritas como machos castrados, estereotipadas de fracas, mães compulsórias, assim como os pretos, caracterizados de não humanos” (AKOTIRENE, 2019, p. 36-37). A interseccionalidade, deste modo, permite a criticidade política, a compreensão dessas construções e da fluidez dessas identidades impostas à violências e subalternizações na matriz de opressão.

As colaboradoras, pela maior parte de suas vidas, cresceram sendo silenciadas, tanto no âmbito familiar, quanto no social e político. O componente intergeracional das violências esteve presente em seus discursos e contribuiu para a naturalização do fenômeno, como vemos no seguinte trecho:

Citação literal. Quando eu falei pra minha mãe que ia deixar ele e contei todos os abusos, ela disse “mas ele é teu marido, minha filha, você casou com ele, ele é pai dos teus filhos, vocês construíram as coisas junto... Eu disse “ah minha mãe, mas eu sou tão infeliz lá” (Potira)

O silêncio se apresenta como uma das maiores ferramentas de opressão que fazem com que haja a permanência nessas relações. No contexto social, político e cultural, desde a infância, nos filmes e desenhos animados, nos meios de comunicação e nas mídias de forma geral, que são tecnologias de gênero, os discursos são repetidos, contados e recontados, produzindo sentidos. Estão repletos de valores e conceitos misóginos. A partir dessas tecnologias as mulheres atribuem sentido ao mundo de acordo com as condições sócio-históricas de produção, que cria cada vez mais espaços de subjugação das mulheres e impactam diretamente nas violências sofridas, fortalecendo-as (ZANELLO, 2018; FREIRE, 2014).

Quando falamos de mulheres idosas, o nível de silenciamento é ainda maior, tendo em vista que o próprio processo de envelhecimento traz alterações fisiológicas, sociais e psicológicas que modificam a forma como a sociedade e a família as enxergam, contribuindo para a anulação de suas vontades, anseios e para seu apagamento (DARDENGO; MAFRA, 2018). Isso é percebido pelas idosas:



Citação literal. Os filhos já não respeitam mais o idoso quanto respeitavam quando ele era mais novo, quando é pai ainda vai, mas mãe, eu acho que é pior. Pai ainda bota moral, mãe, eles não estão nem aí (Inaiê)

Há um apagamento de vontades, embora ainda sejam valoradas de acordo com o que podem dar. De acordo com o quanto conseguem se doar em cuidado:

Citação literal. Eu tenho meus filhos, mas às vezes eu sei que eles não são bons comigo. Eu sei disso, sabe? Eles gritam comigo, não têm paciência, não perguntam o que eu quero. Eles me emprestam dinheiro e nunca me devolvem. Isso é coisa de família, sabe? Não vou criar caso. Ser mãe é assim. A gente tem que cuidar dos filhos e dos netos. Mas às vezes eu queria poder negar, eu queria poder dizer que não. Queria fazer as minhas coisas (Inaiê).

Existe, em seus discursos, a Formação Ideológica de que, por serem mães, têm o dever de cuidar de seus filhos e dos filhos de seus filhos. Zanello (2018) destaca que devemos diferenciar o cuidar, o amar e o procriar. O fato de as mulheres poderem procriar não as torna mais capazes de exercer o cuidado, de amar e muito menos obrigadas a isso. Entretanto, como já explicitado anteriormente, a imagem da maternidade foi socialmente construída para que as mulheres se sentissem naturalmente mais capazes de exercer essa função, caso não o façam e tentem se livrar da exploração e das violências, sentem-se culpadas por não cumprirem o idealizado.

Além da interseccionalidade de gênero e geração, houve, ainda que em menor escala, a presença de discriminação de raça e classe impactando nas violências sofridas. Açucena, que foi raptada quando adolescente e casou-se com o sequestrador, descobriu que o marido tinha uma noiva e foi confrontá-lo. Chegando na outra residência dele, recebeu a seguinte resposta:

Citação literal. “Quem mandou tu vir aqui? Ver minha vida? Não te dei permissão para isso, teu lugar é lá em casa. Não se mete na minha vida” (Açucena).

Desde o início do relacionamento, ele a tratava como uma propriedade. Primeiro tomando posse dela, literalmente raptando-a e mantendo-a para si, depois, engravidando-a e deixando-a em casa, cuidando dos filhos. Paralelamente, construiu uma segunda vida com outra mulher, enquanto a deixava em casa e frequentemente se referia a



ela como “indiazinha”. Nesta Formação Discursiva, podemos ver os reflexos da colonização sexista e racista, que estão presentes nas Formações Ideológicas e nas práticas cotidianas, influenciando diretamente no ideal estético e nas escolhas afetivas. Os corpos tem valores diferentes e as mulheres pretas são erotizadas, exploradas e violentadas, mas não são “casáveis” (ZANELLO, 2018). O mesmo ocorre com as mulheres indígenas, cujos discursos sobre elas, principalmente a partir da misoginia cristã, as descrevem, desde a colonização, como selvagens, promíscuas e lascivas. Esta é uma estratégia psicopolítica para mascarar as violências e explorações que as mulheres indígenas sofreram nas mãos dos colonizadores europeus, e cujas histórias foram apagadas por esses discursos androcêntricos, que tiveram seus sentidos infiltrados nos interdiscursos (imaginário social) ao longo da história e continuam a repercutir nos comportamentos e nas violências até os dias atuais (SAMPAIO, 2015).

Vemos, portanto, que é impossível analisarmos as violências sofridas por essas mulheres idosas sem olharmos para suas outras camadas de pertencimento identitário. Ainda que tenhamos em nosso objetivo compreender os discursos de mulheres idosas que sofreram violência e frequentam a FUNATI, elas não compartilham as mesmas experiências de vida, tendo em vista que sofrem relações de opressão duplas ou triplas. Suas identidades são interseccionais, pois essas violências e opressões não acontecem de forma isolada e independente, mas se relacionam (NOGUEIRA, 2017).

### **Serviços e políticas públicas de acolhimento, orientação e apoio**

Entre as colaboradoras, as instituições mais procuradas foram as delegacias (gerais, da mulher e do idoso), órgãos estaduais e entidades sem fins lucrativos que trabalham no acolhimento de dependentes químicos (para os filhos) e a FUNATI, que esteve presente nos discursos de todas e auxiliou-as no enfrentamento direto e indireto da violência.

Apesar de as colaboradoras enxergarem a violência como inevitável e encontrarem, no seu cotidiano, formas de lidar com ela que não envolviam sair do relacionamento abusivo, quatro das cinco entrevistadas procuraram, em momentos de grande tensão e desespero, ajuda de delegacias em busca de, no mínimo, alguma orientação para enfrentarem as violências. Infelizmente, independentemente de



procurarem essa instituição antes ou depois da promulgação da Lei Maria da Penha, de 2006, elas não receberam apoio e seus agressores não foram punidos.

Na primeira vez que Açucena foi à delegacia, a delegada de plantão chamou seu marido, colocou-os frente a frente e conversou com eles.

Citação literal. [...] conversou com ele, com a gente. Sobre ele estar me ameaçando, me batendo, essa coisa toda. Só isso. Depois nós fomos para casa. Eu tinha a esperança de que ele pelo menos ficasse com medo, né. (Açucena).

Em outra vez, há menos de um ano, ela foi até a Delegacia da Mulher e lhe disseram que o lugar dela era na delegacia do idoso. Quando se dirigiu a esta, disseram que o boletim de ocorrência seria enviado para a defensoria. Ela não teve mais notícias de seu processo.

Potira e Iracema também procuraram a delegacia várias vezes e receberam devolutivas igualmente ineficazes.

Citação literal. Aí eu fui lá na delegacia, disseram mesmo assim “a senhora está bem, né? Se ele aprontar de novo a senhora volta aqui”. Muito bonito. Eu tinha que esperar ele me bater de novo pra poder voltar lá. E ele me bateu, eu fui lá, mas não adiantava não. Diziam “a senhora volte novamente se ele bater e tratar a senhora mal. Venha aqui.” Eu ia. Nada. Novamente, nada (Potira).

Citação literal. É. E aí foi quando chegamos lá o delegado perguntou “O que foi que aconteceu?” Aí eu contei que ele tinha me batido e ameaçado me levar para o hospital de novo. Ele virou e perguntou “e a senhora fez o que pra ele fazer isso?” Pronto. Aquilo ali me desarmou. Me arrependi na hora de ter ido ali. E depois ele ainda disse “isso é normal.” E ficou por isso mesmo (Iracema).

Esses discursos evidenciam o descaso com a saúde e a segurança dessas mulheres, que não podem contar com a proteção da família ou do Estado que fortalece as violências, ao invés de minimizá-las. A ideologia patriarcal, que organiza os discursos e os modos de ser em nossa sociedade, privilegia uns e oprime outros. Pelo simples fato de ser mulher, idosa, pobre e/ou preta, a estrutura social já funciona de modo a desvalorizar essas vidas, em detrimento de outras que não carregam consigo marcas históricas de opressão. Isso reflete no sistema judiciário, assim como em todas as instituições da nossa sociedade, que ainda funcionam nesses moldes (FREIRE, 2014; TIBURI, 2020).



O patriarcado pode ser definido como um Dispositivo, tendo em vista que é um sistema complexo, encadeado em uma rede de produções sociais que dita discursos, comportamentos e relações (ZANELLO, 2018). Para combatê-lo, é necessário um “contradispositivo” igualmente complexo, que possa questionar e modificar seus dogmas e leis. O feminismo é este contradispositivo. Suas estratégias que visam não somente equidade, mas reparação histórica, estão presentes em nossa sociedade e se manifestam em diversas esferas, a jurídica sendo uma delas (TIBURI, 2020).

A Lei Maria da Penha de 2006, que criou mecanismos para coibir e combater a violência doméstica e familiar contra a mulher é uma grande conquista e traz, em seu texto, intervenções e punições mais céleres e menos flexíveis aos autores de violência, visando maior proteção e segurança às vítimas (BRASIL, 2006). Entretanto, como vimos na prática, a ideologia patriarcal está tão enraizada em nossa sociedade que mesmo munidos de dispositivos de proteção eficazes, os atores sociais, que deveriam lutar junto para colocar esses dispositivos em prática, trabalham a favor da opressão, ainda que muitas vezes façam parte dos oprimidos, como foi o caso da delegada que atendeu Açucena.

A interseccionalidade entre gênero e geração também foi um impedimento para que a proteção a essas mulheres fosse assegurada. Quando, na Delegacia da Mulher, foi negado atendimento à Açucena por ser idosa, e a mesma foi mandada para a Delegacia da Pessoa Idosa, percebemos que houve um entrelaçamento de opressões, que não só anulou sua identidade enquanto mulher, mas que resultou na perda de seu direito de proteção judiciária, tendo em vista que a Lei Maria da Penha é mais eficaz e célere no enfrentamento de violências domésticas e familiares.

Sobre a FUNATI, por outro lado, há um discurso de afeto que é unânime em todas as colaboradoras em seus momentos de maior emoção durante as entrevistas.

Citação literal. Eu sou tão feliz aqui (FUNATI). Quando eu desço do ônibus, eu penso: aqui é minha segunda casa (Potira).

Citação literal. Desde que eu entrei aqui (FUNATI) eu fui acolhida. Acolhida de verdade. Minha ansiedade diminuiu, minha vida mudou, sabe? (Açucena).

Citação literal. O teatro (ofertado na FUNATI) é minha vida, é minha família, minha segunda família está entendendo? (Iara).



Percebemos nesses discursos que a FUNATI oferece o acolhimento que elas não tiveram em suas famílias e em outras instituições. A socialização com amigos/as, professores/as e todos/as os/as profissionais envolvidos/as é fundamental para que se sintam pertencentes a um grupo. Tendo em vista que o não-lugar das mulheres idosas, tanto em suas famílias quanto na sociedade propicia, como já vimos, a não observância de seus direitos, a ausência de proteção por parte dos dispositivos legais e, conseqüentemente, alicerça as bases da violência (DAMACENO, et al., 2020).

Além disso, a FUNATI também oferta atendimento psicológico para essas mulheres, atenção à saúde e diversas oficinas e cursos que estimulam a criatividade, como no caso das oficinas de teatro e de dança, e a cognição, como as oficinas da memória, os cursos de idiomas, informática, dentre outros (MANAUS, 2022).

Citação literal. [...] eu gosto desse espaço (FUNATI), eu gosto das atividades, eu gosto das oficinas que ajudam meu cérebro a melhorar, eu gosto dos amigos, eu gosto de ter o que fazer, de colocar na minha agenda. Isso aqui significa muito para mim. (Inaiê)

O estímulo cognitivo é fundamental, pois além de auxiliar na vida cotidiana, ajudando no planejamento e organização, como exemplificado pela enunciação de Inaiê, também coloca essas mulheres em uma posição de maior domínio e empoderamento de si mesmas. Principalmente quando olhamos para o nível educacional das participantes, onde apenas uma possui o nível superior completo. A dependência financeira e a falta de conhecimento acerca dos próprios direitos são fatores de vulnerabilidade para violências. Com um nível educacional menor, as chances de se encontrar condições de trabalho ruins são maiores, levando a instabilidade financeira, alimentar, laboral e habitacional. Estudar é, portanto, não somente uma estratégia para empoderamento social e de saúde, mas um fator de proteção contra a violência (PEREIRA; BEM; GODINHO, 2020; BREIDING; BASILE; KLEVENS; SMITH, 2017)

Nesta seção vimos que as colaboradoras, embora tenham convivido com a violência ao longo de toda vida, e considerem o fenômeno como inevitável, conseguiram, em determinado momento, pedir por ajuda, recorrendo às delegacias. Suas tentativas, entretanto, foram interdidas, pois ainda que existam dispositivos de proteção legal a seu favor – tais como a Lei Maria da Penha e as delegacias especializadas –, a ideologia



patriarcal e as interseccionalidades formam uma barreira para o acesso aos seus direitos. O acolhimento e as estratégias de proteção não estão ocorrendo na prática e não é uma situação que se limita apenas a esta pesquisa (VAZ, 2015; PEREZ E RIBEIRO, 2020; VASCONCELOS, 2021; SOUZA E CORTEZ, 2014; MELEIRO, et. al, 2021). Assim, elas são duplamente violentadas: em suas casas e nas instituições que deveriam protegê-las e punir seus agressores.

A FUNATI, por outro lado, apareceu em seus discursos como uma instituição de enfrentamento direto da violência, através do acesso a cuidados em saúde na sua policlínica, psicoterapia e orientação com a assistente social. E também no enfrentamento indireto, através das atividades ofertadas, das pesquisas realizadas na instituição e também no seu papel como um espaço de socialização, trocas e acolhimento.

### **Considerações finais**

Ao longo do estudo, vimos que os discursos das colaboradoras, em torno da violência, são diversos, e elas atribuem diferentes sentidos para o fenômeno. Embora haja um fator em comum entre elas: a violência sempre foi uma constante em suas vidas, e por isso, a entendem como algo inevitável. A partir disso, encontram estratégias para conviver com essas violências, ao invés de se afastar das relações abusivas e cortar o vínculo com seus agressores. Se defender (física e verbalmente) e aceitar placidamente são comportamentos que aparecem em seus discursos como estratégias. Assim como a busca por conforto e respostas através da espiritualidade, ainda que a religião, por outro lado, seja reconhecida por elas como fortalecedora de violências.

Concluimos que a forma com que enxergam as violências quando vindas dos filhos é diferente de quando o autor é o companheiro. Quando se trata dos filhos, elas reconhecem muitas vezes que estão sendo maltratadas, sentem medo em determinados momentos, mas não nomeiam o fenômeno como violência. Existe uma discrepância entre suas enunciações (fala) e seus discursos (o que expressam). O padrão da violência sofrida muda de acordo com o autor. Quando é o companheiro, geralmente se mostra em agressões físicas e verbais, abusos sexuais, ameaças e demonstração de possessividade. Enquanto com os filhos, essa violência se dá a partir de distanciamento emocional, exploração financeira e abusos verbais.



Escolhemos a FUNATI pois, ainda que não seja uma instituição especializada em acolhimento em casos de violência, atua como um espaço de socialização, afetos, aprendizados e trocas entre os/as idosos/as, e sabemos que ter uma rede de apoio é fundamental no enfrentamento de violências e que essa instituição provavelmente teria um papel importante na vida dessas mulheres. Entretanto, por ser primordialmente uma instituição de ensino, pesquisa e extensão, tivemos dificuldades em recrutar colaboradoras, tendo em vista que se trata de um tema delicado. Conseguimos contornar tal limitação a partir de conversas com professores/as e outros/as profissionais que tem um olhar atento e cuidadoso, e estes sugeriram nomes que pudéssemos conversar e apresentar a pesquisa.

É necessário trabalhar para minimizar o descaso das instituições que trabalham com o enfrentamento direto das violências, em especial as delegacias, já que estas são o primeiro contato dessas mulheres após tomarem a decisão de realizar a denúncia. A Lei Maria da Penha, em seu texto, coloca que as delegacias especializadas não devem somente receber denúncias, mas acolher, trabalhar para a proteção imediata e informar sobre os direitos e possibilidades. Para que isso ocorra na prática é necessário treinamento, capacitação e sensibilização dos funcionários para que possam estar preparados não só teoricamente, mas emocionalmente. A contratação de psicólogos/as e assistentes sociais para estarem de plantão nesses espaços é fundamental não só para participarem da acolhida inicial, mas para que o trabalho intersetorial e multidisciplinar aconteça e fortaleça a rede de apoio.

São necessários estudos futuros que considerem a interseccionalidade entre gênero e geração e tenham como plano de fundo o contexto do norte do país. Além de estudos que explorem com profundidade o papel socioemocional que instituições como a FUNATI possuem em seus alunos/as. Dar voz a essas mulheres, que por muito tempo foram silenciadas, é uma estratégia de enfrentamento contra as violências, e um contradispositivo à ideologia patriarcal. Há não muito tempo atrás, as histórias de mulheres eram contadas por homens, portanto, valorizar seus discursos é reconhecer suas lutas e dar visibilidade às suas trajetórias.

Agradecimentos à Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior e à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM).



## Referências

AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. São Paulo: Jandaíra, 2020. 152 p.

ALMEIDA, Silvio. *Racismo Estrutural*. São Paulo: Jandaíra, 2019. 256 p.

AMARAL, Juliana Bezerra do *et al.* A religiosidade e a espiritualidade como referências para o enfrentamento da violência doméstica contra idosos. **Revista Enfermagem Uerj**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, p. 1-6, 2016.

BADINTER, Elisabeth. *O conflito: a mulher e a mãe*. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2011. 224 p.

BRASIL. Lei nº 11.340, de 07 de agosto de 2006. Brasília, [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm)

BRASIL. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA IBGE. **Síntese de Indicadores Sociais**. 2023. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9221-sintese-de-indicadores-sociais.html?=&t=resultados>. Acesso em: 10 jan. 2023.

BREIDING, Matthew J.; BASILE, Kathleen C.; KLEVENS, Joanne; SMITH, Sharon G.. Economic Insecurity and Intimate Partner and Sexual Violence Victimization. **American Journal of Preventive Medicine**, [S.L.], v. 53, n. 4, p. 457-464, out. 2017. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.amepre.2017.03.021>. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/28501239/>. Acesso em: 12 jan. 2023.

DAMACENO, Daniela Garcia *et al.* Mulheres idosas vítimas de violência: o protagonismo nas denúncias. **Ex Aequo - Revista da Associação Portuguesa de Estudos Sobre As Mulheres**, [S.L.], v. 4, n. 41, p. 61-76, 15 jun. 2020. Associação Portuguesa de Estudos sobre as Mulheres - APEM. <http://dx.doi.org/10.22355/exaequo.2020.41.04>.



DARDENGO, Cassia Figueiredo Rossi; MAFRA, Simone Caldas Tavares. Os conceitos de velhice e envelhecimento ao longo do tempo: contradição ou adaptação?. **Revista de Ciências Humanas**, Viçosa, v. 18, n. 2, p. 1-23, jul. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/RCH/article/view/8923>. Acesso em: 11 jan. 2023

DEL PRIORE, Mary. *História do Amor no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2011.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1987. 288 p.

FREIRE, Sérgio. *Análise de Discurso: procedimentos metodológicos*. Manaus: Instituto Census, 2014. 57 p.

MANAUS. FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE ABERTA DA TERCEIRA IDADE. **Quem somos**. 2023. Disponível em: <https://funati.am.gov.br/quem-somos/>. Acesso em: 21 dez. 2022.

MELEIRO, Maria Luiza de Andrade Picanço et al. **Os desafios da rede de proteção no enfrentamento à violência contra a pessoa idosa em Manaus, Amazonas, Brasil**.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *Violência e saúde*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006. 132 p.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 14. ed. São Paulo: Hacitec, 2014. 407 p.

NOGUEIRA, Conceição. *Interseccionalidade e Psicologia Feminista*. Salvador: Devires, 2017. 235 p.

Organização Mundial da Saúde. **Relatório mundial sobre violência e saúde**. 2002. Disponível em: <https://opas.org.br/wp-content/uploads/2015/09/relatorio-mundial-violencia-saude-1.pdf>. Acesso em: 07 jan. 2023.



OYEWÙMÍ, Oyèrónké. Conceptualizing gender: the Eurocentric foundations of feminist concepts and the challenge of African epistemologies. In: African Gender Scholarship: concepts, Methodologies and paradigms. Dakar: Codesria, 2004, p. 1-8.

PEREIRA, Bárbara Carolyn; BEM, Márcia Maria da Silva; GODINHO, Mônica Lá-Salette da Costa. Determinantes sociais da saúde e sua influência na vida de mulheres vítimas de violência doméstica. **Global Academic Nursing Journal**, [S.L.], v. 1, n. 2, p. 1-9, nov. 2020. GN1 Sistemas e Publicações Ltda.. <http://dx.doi.org/10.5935/2675-5602.20200031>.

PEREIRA, Leonellea; TAVARES, Márcia. UMA TRAMA ENTRE GÊNERO E GERAÇÃO: mulheres idosas e a violência doméstica na contemporaneidade. **Revista Feminismos**, Salvador, v. 6, n. 3, p. 41-52, dez. 2018.

PEREZ, Fabíola; RIBEIRO, Joyce. **Mulheres enfrentam truculência e desestímulo em delegacias de SP**. 2020.

SAMPAIO, Paula Faustino, 2015, Florianópolis. **Silêncios e palavras na rede de significados sobre as mulheres indígenas no Brasil**. Florianópolis: XXVIII Simpósio Nacional de História, 2015. 12 p. Disponível em: [http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1439861881\\_ARQ\\_UIVO\\_Silenciosepalavramulheresindigenas.pdf](http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1439861881_ARQ_UIVO_Silenciosepalavramulheresindigenas.pdf). Acesso em: 13 jan. 2023.

SILVA, Aline Oliveira; LORETO, Maria das Dores Saraiva de; RAMOS, Rita de Cássia Bhering. A violência contra as mulheres idosas: tipicidade, características e significados. **Archives Of Health**, [S.L.], v. 1, n. 5, p. 243-257, 23 dez. 2020. South Florida Publishing LLC. <http://dx.doi.org/10.46919/archv1n5-008>.

SILVA, Cirlene Francisca Sales da; DIAS, Cristina Maria de Souza Brito. Violência contra idosos: perfil sociodemográfico dos familiares agressores, tipos de violência impetrada e motivações para sua ocorrência. **Gestão e Saúde**, [s. l.], v. 7, n. 2, p. 563-581, abr. 2016. Disponível em:



<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5555888>. Acesso em: 26 dez. 2022.

SOUZA, Lídio de e CORTEZ, Mirian Beccheri. **A delegacia da mulher perante as normas e leis para o enfrentamento da violência contra a mulher: um estudo de caso.** Revista de Administração Pública [online]. 2014, v. 48, n. 3, pp. 621-639. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0034-76121141>>. Epub 10 Jun 2014. ISSN 1982-3134. <https://doi.org/10.1590/0034-76121141>. Acesso em: 15 jan. 2023.

TIBURI, Marcia. *Feminismo em Comum*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020. 126 p.

VASCONCELOS, Caê. **Mulher passa seis vezes em delegacias para registrar violência doméstica e segue desprotegida.** 2021. Disponível em: <https://ponte.org/mulher-passa-seis-vezes-em-delegacias-para-registrar-violencia-domestica-e-segue-desprotegida/>. Acesso em: 15 jan. 2023.

VAZ, Camila. **A ineficiência da Delegacia da Mulher.** 2015. Disponível em: <https://camilavazvaz.jusbrasil.com.br/noticias/177730696/a-ineficiencia-da-delegacia-da-mulher>. Acesso em: 15 jan. 2023.

ZANELLO, Valeska. *Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação*. Curitiba: Appris, 2018. 301 p.



## **Family violence against elderly women who attend an Open University for the Third Age: analytical understanding of their discourses**

### **Abstract:**

The research focused on violence against elderly women within the family. Historically, in old age, violence takes on new interfaces, as two markers are associated: being a woman and being elderly, in addition to other markers that will be explored based on Intersectionality. In this way, we seek to assist in the formulation of new coping mechanisms that can act more quickly, in addition to bringing to light the role of an Open University for the Third Age in directly and indirectly combating this phenomenon. The research is qualitative, descriptive and exploratory in nature, and aimed to understand the speeches of elderly women who suffered family violence and are students at an Open University for the Third Age in Manaus, in light of Zanello's Device Theory (2018) and of Intersectionality, based on Nogueira (2017) and Akotirene (2020). We conclude that the discourses surrounding violence are diverse, and different meanings are attributed to the phenomenon. Although there is one factor in common: violence appears as a constant in women's lives, and therefore, they understand it as inevitable. Thus, they find strategies to live with this violence, instead of ending these abusive relationships.

**Keywords:** Familiar violence. Gender violence. Violence against elderly women. Gender. Intersectionality.

***Elza Beatriz BARROS DE PAIVA***

*Psicóloga, Mestra em Processos Psicológicos e Saúde pela Universidade Federal do Amazonas. Especialista em Gênero e Sexualidade e em Promoção da Saúde e Desenvolvimento Social. Com interesse nos temas: gênero, sexualidade e violência de gênero*

*E-mail: [elzabeatrizbarros@gmail.com](mailto:elzabeatrizbarros@gmail.com)*



<https://orcid.org/0000-0002-2238-5349>

**Breno DE OLIVEIRA FERREIRA**

*Professor de Graduação e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia na Universidade Federal do Amazonas. Psicólogo, pedagogo, Doutor em Saúde Coletiva. Com interesse nos temas: saúde coletiva, gênero e sexualidade*

*E-mail: [breno@ufam.edu.br](mailto:breno@ufam.edu.br)*

<https://orcid.org/0000-0002-0979-3911>

**Denise MACHADO DURAN GUTIERREZ**

*Doutora em Saúde da Mulher e da Criança pelo Instituto Fernandes Figueira. Professora associada IV da Universidade Federal do Amazonas. Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em Psicologia Clínica, com interesse nos temas: cuidados em saúde, gênero e geração.*

*E-mail: [ddgutie@ufam.edu.br](mailto:ddgutie@ufam.edu.br)*

<https://orcid.org/0000-0002-0031-3045>

*Recebido em: 20/05/2023*

*Aprovado em: 24/10/2024*